

Um diagnóstico atual da cadeia do leite no Brasil

BALDE BRANCO

ENTREVISTA
HUMBERTO BRANDÃO,
pesquisador da Embrapa,
e a nanotecnologia no leite

Fazenda cria a sua própria central de inseminação

Faltam técnicos capacitados na pecuária de leite

Barro em excesso prejudica, mas pode ser evitado

MILHO e a SILAGEM

Há uma disponibilidade restrita de cultivares de milho com grãos macios ou farináceos, que garantam alta digestibilidade para silagem. Veja o que isso significa na dieta bovina e como compensar na fazenda



Há 10 anos, um estagiário que acabara de chegar parou à porta de minha sala na Embrapa, em São Carlos-SP. Naquela época, os estagiários auxiliavam, e muito, nas tarefas relacionadas ao rebanho leiteiro, executando todos os serviços de uma fazenda. Nos períodos de férias escolares trabalhavam por volta de 10 a 12 horas diariamente, e posso garantir que ninguém morreu por causa disso. Muito pelo contrário.

Em contrapartida, esse tipo de estágio conseguia transformar um ser eminentemente urbano, como a maior parte dos alunos que habitam atualmente as faculdades de ciências agrárias, que não sabem distinguir uma vaca Holandesa Vermelha e Branca de uma égua Pampa (*frase do professor Vidal Pedroso de Faria, da Esalq/USP*), num profissional qualificado, que parece até ter nascido na roça.

Após a promulgação da lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, que passou a regulamentar a cessão de estágios, o tipo de vivência que oferecíamos, hoje, não é mais possível. Primeiramente porque é necessário um Contrato de Estágio firmado entre o estudante e as empresas públicas ou privadas, bem como com profissionais liberais que oferecem os estágios, com a anuência da instituição de ensino.

Exceção feita aos estágios obrigatórios previstos nas grades dos cursos, é necessária a previsão de recursos para a remuneração do estagiário (bolsa), não existindo um valor mínimo. No entanto, o valor deverá constar no contrato de estágio. Em ambos os casos, estágios obrigatórios ou não, deverá haver ainda a cessão de auxílio-transporte e seguro contra acidentes pessoais aos estagiários. O horário não deverá ultrapassar 6 horas diárias e 30 horas semanais.

Com essas normas e restrições de atuação, principalmente em se tratando de uma fazenda produtora de leite, onde o trabalho tem início antes que a barra do dia apareça e termina com a luz das estrelas, se tornou impraticável a oferta de estágios, pelo menos de minha parte. O resultado são levadas e levadas de profissionais que podem saber tudo sobre produção de leite no computador, inclusive sobre a diferença cromossômica entre uma vaca Holandesa Vermelha e Branca e uma égua Pampa, mas que no campo, as confundem. Com isso, o Brasil, infelizmente, vai colher o que está plantando!

Voltando ao ano de 2003, indiquei uma propriedade participante do Programa Balde Cheio para que aquele aluno fizesse seu estágio. Lá foi ele com a cara, a coragem, o telefone de contato e um mapa na mão. Foram dias de muito trabalho, e quando visitei o pequeno sítio perguntei ao proprietário qual a impressão dele sobre o estagiário. O produtor, um senhor de idade avançada, de imediato começou a desenrolar um corolário de elogios e agradeceu muito a mim por tê-lo enviado. Sorri contente, pois sabia que mais um aluno se diferenciara na multidão.

Findado o curso de graduação, estimei o estagiário para que trabalhasse como autônomo, assistindo algumas propriedades. Como acontece com todos nós, técnicos, umas propriedades vingaram e outras ficaram pelo caminho. Dentre as que se sobressairam, se destacou uma propriedade no município de Bom Sucesso-MG. Um marco para o trabalho em terras mineiras.

A frequência de visitantes a essa propriedade despertou a atenção da Faemg/Senar-MG e, desde maio de 2007, o Balde Cheio foi iniciado em Minas Gerais abrangendo nove municípios espalhados pelas distintas regiões existentes no Estado, sob a coordenação técnica do ex-estagiário.

Com uma bem elaborada rede de parcerias coordenada pela instituição citada acima, o trabalho cresceu ano a ano e, em maio de 2011, para comemorar o quarto aniversário do projeto, foi realizado o Encontro Mineiro do Balde Cheio, um even-



ARTUR CHINELATO

ENTRE OS BATENTES DA PORTA

Números pouco significam diante da benção de resgatar a vida de um produtor de leite e recuperar um técnico da extensão rural

to que contou com a presença de 1.500 pessoas, dentre produtores, técnicos e autoridades no recinto da Expo Minas em Belo Horizonte.

O trabalho continuou, a responsabilidade aumentou, e mais técnicos e produtores se uniram a essa verdadeira cruzada da cidadania, e no início de junho de 2013, nova reunião de agradecimento aos participantes do Balde Cheio foi organizada pela Faemg/Senar-MG no mesmo recinto

do primeiro encontro, agora, com a presença de 2.300 produtores vestindo camisetas com as cores da bandeira brasileira: Zona da Mata de Minas (verde), Leste e Nordeste de Minas (amarelo), Centro-Oeste e Sul de Minas (azul) e Triângulo Mineiro e Noroeste de Minas (branco).

A distribuição das pessoas nas mesas seguia a mesma lógica, sendo as toalhas de mesa das mesmas cores de cada região. Um show de organização e de brasilidade numa época de tantos conflitos plantados artificialmente no campo. Depoimentos emocionados e emocionantes de pessoas que recobram a vontade de viver e de tomar nas mãos os destinos de suas vidas, trabalhando com afincio no presente, mas pensando no futuro, foram a tônica do dia. Autoridades e lideranças do setor se encantaram com o clima de paz e harmonia que invadiu o local, e todos fomos contemplados, ainda, com uma empolgante palestra do professor Luiz Almeida Marins Filho.

Administrar é ter o talento de colocar as pessoas certas no lugar certo, e esse foi o meu único mérito no processo. Pelo êxito do trabalho, fui cumprimentado por muitas pessoas, mas me permito repassar as honrarias a quem de direito, no caso, o engenheiro agrônomo Walter Miguel Ribeiro, que comandou todo esse processo em conjunto com sua equipe de coordenadores regionais e técnicos locais. Poucos sabem, mas nos dois pri-

meiros anos do trabalho em Minas Gerais, muitas vezes, ele se deslocou em viagens noturnas de ônibus para economizar os recursos disponibilizados, com o intuito de atender a mais municípios com o mesmo dinheiro.

A partir de 2009, após fixar residência em Belo Horizonte-MG, o trabalho tomou novo impulso, e no 2º Encontro Mineiro do Balde Cheio, no início de junho de 2013, os números do projeto no Estado, importantes para as estatísticas, foram atualizados: 2.100 propriedades espalhados por 251 municípios, 215 técnicos em qualificação e 151 parcerias dentre sindicatos rurais, prefeituras, cooperativas de produtos, cooperativas de crédito, associações, laticínios, fundações, instituições de ensino, dentre outras.

No evento, apreciei por demais uma das metas do projeto apresentada pela equipe para os próximos 12 meses: atingir mais 16 municípios em Minas Gerais. Para um Estado que tem 853 municípios, isso pode parecer pouco, mas não é. Anos atrás me perguntaram qual era a meta do Balde Cheio nacional para o próximo ano e respondi que era atingir mais um município brasileiro, onde houvesse um produtor de leite e um extensionista interessados.

O entrevistador, então, me questionou por que uma meta tão pouco ambiciosa. Respondi que para nós, do projeto, os números pouco significam diante da benção de resgatar a vida de um produtor de leite e recuperar profissionalmente um técnico da extensão rural dando sentido à sua existência no município. A vida é um bem precioso, e poder contribuir para o resgate dela é uma missão abençoada. Agradeço muito a Deus pelo fato de Ele ter me escolhido para auxiliar na condução desse trabalho.

E pensar que tudo começou com um estagiário parado entre os batentes da porta de minha sala há 10 anos. ■

Artur Chinelato de Camargo é pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, de São Carlos-SP; e-mail: artur.camargo@embrapa.br.